



A CONCEPÇÃO DE ARTE E INTUIÇÃO INTELECTUAL EM SCHELLING

Ângelo Estevam Polidoro*

Resumo: O presente artigo visa elucidar a concepção de intuição intelectual, bem como a vinculação da mesma com a filosofia estética ou filosofia da arte desenvolvida pelo autor, pertencente ao chamado movimento Idealismo Alemão, F. W. J. Schelling. Com o desenvolvimento do conceito de intuição intelectual Schelling busca salvaguardar a liberdade e o gênio independente do ‘eu’ na tentativa de desvencilhar-se do dogmatismo espinosista. No desenvolvimento da arte ou melhor da filosofia da arte Schelling quer mostrar que a arte é o grau mais elevado do desenvolvimento humano e que é o contato imediato com o absoluto, uma vez que purifica o conteúdo bruto da natureza e cristaliza o espírito contido nela.

Palavras-chave: Arte Schelling. Absoluto. Filosofia.

Introdução

O intuito deste breve trabalho é esboçar a gênese do pensamento estético do autor alemão F. W. J. Schelling com base na concepção de intuição intelectual ou gênio criativo que se relaciona imediatamente com o Absoluto. Com a perspectiva idealista iniciada por Kant, com publicação da *Crítica da Razão Pura* (1781), a filosofia tem seu eixo gravitacional mudado. Tal virada filosófica já é predita, isto é, tem sua gênese em René Descartes ao estabelecer em sua filosofia o problema do sujeito racional consciente, o sujeito que sabe que sabe e que, de certa forma, domina o conteúdo do conhecimento. Deste modo a filosofia moderna se baseia na relação entre sujeito-mundo-Deus.

A discussão filosófica entre os séculos XVIII e XIX pairava sobre a liberdade ou a determinidade do sujeito, tanto no âmbito moral quanto no teórico. Com a filosofia crítica transcendental, Kant consegue dar, ou menos em parte, resposta aos céticos que negavam qualquer possibilidade de conhecimento. Logo, a filosofia fica dividida entre perspectivas deterministas dogmáticas e o criticismo. Espinosa com seu sistema filosófico panteísta é o maior expoente do dogmatismo. Kant, um dos filósofos que mais influenciaram na filosofia de Schelling, tem em mente abrir o campo de possibilidades do sujeito dando-lhe, se assim

* Formado em filosofia pela FAPAS – Faculdade Palotina e matriculado no PPGF – UFSM. E-mail: angelopolidoro@hotmail.com

podemos dizer, possibilidade de conhecimento e de liberdade criativa prática. Ou seja, com sua filosofia crítica tenta escapar do determinismo e do ceticismo e, com isso, abre o campo para uma nova discussão filosófica¹.

A proposta filosófica de Schelling é dar uma resposta ou conciliar dogmatismo e criticismo salvaguardando a ideia de Absoluto e a liberdade criativa do sujeito. Tais reflexões têm início na obra *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo*, supostamente endereçadas a Hegel. Schelling percebe que há uma dicotomia na filosofia de sua época e tenta salvaguardar a existência absoluta e onipotente de Deus como ser pura e simplesmente incondicionado e a liberdade do sujeito, tanto no âmbito teórico como no prático, e sua criatividade ou gênio subjetivo. Schelling em seus escritos filosóficos tenta a reabilitação da filosofia kantiana, impulsionado pelo subjetivismo de Fichte, como saída em relação ao sistema panteísta espinosista.

Schelling busca uma síntese entre sujeito e substância por meio do conceito de sujeito absoluto e incondicionado. Assim como em Fichte, o conhecimento em Schelling preserva um lado real e um lado ideal, onde a primazia se encontra no que é ativo, ou seja, em que um dos elementos produza o outro (ROVIGHI, 1999. P. 665). Tal argumento traz em si uma posição que vai contra o empirismo bem como o dogmatismo, pois ambos tratam a subjetividade de forma passiva. De certa forma, neste ponto Schelling se declara ou põe-se do lado da filosofia de Espinosa, uma vez que este escreve seu sistema em um ‘sistema da Ética’. A filosofia kantiana não chega a ser propriamente sistema, mesmo que seja válida a todo o sistema, isto é, por ser subjetivamente válida, pois não tem fundamentos de um agir e descansa somente no céu do entendimento. Desta forma Schelling em sua sexta carta afirma:

Necessariamente, um *sistema* do saber, se não é uma obra de virtuosismo, um jogo de pensamentos (e Você sabe que nada seria mais contrário ao espírito sério daquele homem), tem de *adquirir* realidade, não por uma faculdade teórica, mas por uma faculdade prática, não por uma faculdade cognoscente, mas por uma faculdade *produtiva, realizadora*, não pode pelo *saber*, mas pelo *agir* (1973, p. 190).

¹Porém, como afirma Schelling, Kant não responde a unidade do saber, não elege uma unidade que é princípio e fim da filosofia: “Embora a filosofia teórica de Kant afirme em todas as partes a mais concisa conexão, nenhum princípio comum liga filosofia teórica e filosofia prática, que não parece formar um e o mesmo edifício com a teórica, mas somente um edifício que, além de anexo à filosofia como um todo, se sujeita a constantes ataques do edifício principal; por outro lado, se o primeiro princípio da filosofia também é o seu último e se aquilo com que toda filosofia começa, inclusive a teórica, é ele mesmo o último resultado da filosofia prática, tendo aí todo saber um fim, toda a ciência deve se tornar possível em sua mais elevada perfeição e unidade” (PEREIRA, 2013, p. 37).

O primeiro posicionamento de Schelling é de que a filosofia crítica kantiana é um retorno ao dogmatismo, por meio dos pós-kantianos (BECKENKAMP, 2004, p. 70), pois atribui a si um Deus moral. Tal afirmação só possui um lado estético e, automaticamente, faz com que a estética seja negada, pois o princípio estético é subjetivo, isto é, interior, que, por si, anula toda a forma tosca de um montante de matéria advinda de fora. Portanto, Schelling estabelece um princípio interior que denomina intuição intelectual subjetiva. O apelo a um Deus moral substitui a intuição intelectual, isto é, o princípio interior, de tal forma que o Deus moral se estabelece nos limites do mundo, ou seja, se coloca entre o ‘eu’ e o mundo tornando a reflexão falha, isto é, comprometendo a intuição e caindo assim em um consequente dogmatismo que “não leva à luta, mas à submissão, não à derrota violenta, mas à derrota voluntária, ao calmo abandono de mim mesmo no objeto absoluto” (SCHELLING, 1973, p. 179). A negação de um princípio subjetivo intuitivo é a afirmação automática do dogmatismo, pois a afirmação de um Deus em tais moldes é entregar a ‘personalidade’, como afirma Schelling, a algo superior.

O dogmatismo e o criticismo têm o mesmo problema², a saber, não se referem ao ser Absoluto em geral, pois no domínio do Absoluto não valem proposições que não sejam analíticas, uma vez que o ser Absoluto não é passível de controvérsias. Toda proposição que afirma o absoluto no saber humano é infundada. E desta forma, o enigma que segue tanto o dogmático quanto o crítico é: como o Absoluto pode sair de si e contrapor a si mesmo o mundo?³

Por meio da arte Schelling quer dar uma resposta à dicotomia de que a filosofia se enredava, e na visão do filósofo este é o grande problema da filosofia, unir o infinito e o finito. Na arte o Eu se sabe não apenas como querer saber infinito que tem o objeto diante de si, mas como saber infinito que atua incondicionalmente e como saber inconsciente que se sabe, ou seja, sujeito e objeto se identificam, isto é, infinito e finito idênticos. Porém, e, ao

²O dogmatismo não pode ser refutado teoricamente, isto é, o problema está que a razão teórica busca sempre ou necessariamente o incondicionado, ou seja, uma unidade absoluta, e como vimos, enquanto permanece no estado de síntese cognitiva sobressai em relação ao dogmatismo, porém quando passa deste domínio a luta continua, como nos afirma Schelling: “uma mera crítica da faculdade-de-conhecer não pode, por certo, chegar até aquela unidade *absoluta*, pois o termo último, do qual começa, já é aquela tese. Mas por isso mesmo, é certo que o sistema, em sua perfeição, deve partir daquela unidade (SCHELLING, 1973, p. 186).

³Kant não deu as soluções para tal unidade por isso entre Kant e Fichte, Schelling opta pelo princípio absoluto incondicionado fichtiano, isto é, assume haver um princípio de todo o saber onde tudo se assenta, onde princípio do ser e princípio do pensar se coincidem, “pois sobre o Absoluto seríamos todos unânimes, se nunca deixássemos sua esfera; e, se nunca saíssemos dela, não teríamos nenhum outro domínio para controvérsias” (SCHELLING, 1973, p. 184).

mesmo tempo são opostos. Idênticos na oposição, isto é, como Eu e natureza, sujeito-objeto e objeto-sujeito. É através da arte que o que o absoluto se manifesta de modo mais completo, desta forma, a arte é atividade mais elevada: o ato artístico é um produzir com consciência idealizando livremente os objetos⁴. Neste ato o Absoluto se reconhece como consciente-inconsciente. A fenomenologia da arte, na filosofia schellingiana, tem função reveladora do Absoluto que é própria da intuição estética. Portanto, Schelling afirma ser a reflexão artística é superior até mesmo que o saber filosófico, parcialmente entendido. O órgão universal da filosofia é a filosofia da arte, pois é somente na arte que o Absoluto se manifesta de forma integral.

De tal forma que a intuição intelectual deve ser aprimorada cientificamente em relação à arte, bem como os juízos que se referem à mesma. Somente assim se chegará a *Ideia* de Todo: quanto mais rigorosamente a Ideia de arte e da obra de arte é construída, tanto mais impede não apenas a lassidão no julgamento, como também aquela experimentação apressada que se faz habitualmente, na arte ou na poesia, sem que delas se tenha qualquer juízo (SCHELLING, 2001, p. 23).

Somente a filosofia ou a filosofia da arte pode chegar à reflexão, às fontes primordiais da arte. A filosofia permite ter esperança de dar caráter científico à estética. Na introdução de sua *Filosofia da arte*, Schelling afirma que sua filosofia da arte não será outra coisa senão a repetição de todo o seu sistema filosófico, mas em potência mais elevada. Como é possível filosofia da arte? Schelling responde:

Qualquer um reconhece que opostos se vinculam no conceito de uma filosofia da arte. A arte é real, objetivo; a filosofia, o ideal, subjetivo. De antemão já se poderia, portanto, determinar a tarefa da filosofia da arte assim: *expor no ideal o real que existe na arte*. Mas a questão é precisamente o que significa *expor um real no ideal* [...]. – Uma que exposição no ideal em geral é = construir, e uma vez também que filosofia a filosofia da arte deve ser = construção da arte, esta investigação terá ao mesmo tempo necessariamente de penetrar mais fundo na essência da construção (SCHELLING, 2001, p. 27).

⁴“Representándose esta fuerza de la particularidad y, por ende, también de la individualidad, como un carácter viviente, el concepto negativo de la misma tiene necesariamente como consecuencia atribuir una insuficiente y falsa finalidad a lo característico en el arte. Sería muerto y de una rudeza insoportable, el arte que quisiera representar el vacío caparazón o los límites de lo individual. Sin duda que no es el individuo lo que deseamos ver, sino algo más: el viviente concepto del mismo. Pero si el artista reconoce la mirada y la esencia de la idea que allí está creadora, la hace surgir, entonces hace del individuo un mundo en sí, una especie, un arquetipo eterno” (SCHELLING, 1963, p. 46-47).

A filosofia é a fundação de tudo, isto é, abrange tudo. Por meio da arte se forma na filosofia um círculo mais estrito pelo qual se intui imediatamente o eterno. Existe somente uma filosofia assim como só há uma essência, de tal modo que a filosofia é a forma de entender e captar tal universalidade. Desta forma, por meio da filosofia se dá a apreensão das potências particulares do Todo⁵. Não é a razão, mas sim a imaginação (gênio criativo) que nos permite tornar conscientes do finito e do infinito, isto é, a manifestação real do infinito. Por meio desta que a identidade dos diferentes se manifesta.

A arte se reflete na filosofia e é seu reflexo mais objetivo, mais perfeito, portanto, deve percorrer todas as potências que a filosofia percorre no ideal, tal é o caminho necessário para a arte enquanto ciência. Tendo em vista que a verdade é alcançada pela filosofia e a beleza por meio da arte, portanto, verdade e beleza são formas diferentes do absoluto. Como nascem coisas belas do belo Absoluto? O Absoluto é um, mas um intuído absolutamente das formas particulares. Toda obra de arte é produzida por um gênio (genius) o gênio divino que habita no ser humano: pura liberdade. Disto surgem as questões que se vinculam a proposta estética schellingiana: como nasce uma obra de arte? De acordo com o gênio artístico subjetivo finito como acontece a síntese do real finito para o ideal infinito Absoluto? E como a arte se vincula com a filosofia e com a natureza, as quais são manifestação do Absoluto?⁶

Para tanto é necessário analisar e desenvolver um estudo da filosofia schellingiana com uma visão de processo, ou seja, de elevação de perspectivas, pois o autor muda sua visão filosófica de acordo com o progresso de seus estudos e escritos. Tendo em vista que o período em que vive o autor, isto é, o idealismo alemão, é um período de muita produção filosófica, portanto, Schelling sofre muitas influências no desenvolver de seu pensamento. O conceito primordial de sua filosofia, o conceito de intuição intelectual é desenvolvido, em uma perspectiva teórica, a partir da filosofia fichteana do Eu Absoluto. O tema da filosofia estética

⁵ De tal modo afirma Schelling: “por conseguinte, na filosofia da arte construo, antes de mais nada, não a arte como arte, como este particular, mas construo o universo na figura da arte, e filosofia da arte é ciência do todo na forma ou na potência da arte. Somente com esse passo nos elevamos, no que diz respeito a essa ciência, ao domínio de uma ciência absoluta da arte” (SCHELLING, 2001, p. 30).

⁶ “En éste, y no en otro sentido, podemos decir que el arte helénico, en sus más altas creaciones, se ha elevado a la ausencia de caracteres. Pero no se elevó hasta ella inmediatamente; sólo después de haberse liberado de los lazos de la naturaleza llegó a la divina libertad. De un grano sembrado al azar no podía surgir esta planta heroica, sino de un germen profundamente enterrado en la tierra. Sólo los poderosos movimientos del alma, sólo los profundos estremecimientos de la fantasía, bajo el impulso de la naturaleza que todo lo vivifica, que en todas partes actúa, pueden dar al arte el sello de este poder irresistible con el cual, desde la rígida y hermética seriedad de las creaciones de una época más temprana, hasta las obras de una gracia sensible superabundante, da a luz, con genio inagotable y permaneciendo siempre fiel a la verdad, la más alta realidad que haya sido dada a contemplar a los mortales” (SCHELLING, 1963, p. 50).

de Schelling retorna à discussão e a reconciliação do criticismo e do dogmatismo, isto é, a liberdade subjetiva e a necessidade objetiva. Tendo por porto de partida uma filosofia prática, em que o ponto de partida é a própria existência.

Para o esclarecimento da importância e da estética filosófica de Schelling, que pretende ser caracterizada como ciência, é fundamental compreender o desenvolvimento de sua filosofia que se desenvolve em três etapas ou fases: filosofia do Eu; da natureza; e da arte sempre vinculadas com a ideia de Absoluto. A estética filosófica de Schelling tem início nas *Cartas*⁷, onde o autor avalia lado a lado os sistemas do dogmatismo e do criticismo e afirma que ambos buscam o mesmo fim, ou seja, buscam o princípio absoluto que é a unificação dos dois. O criticismo, em sua forma absoluta, visa a eliminação do objeto e, deste modo, a identidade absoluta. Ao contrário, o dogmatismo visa destruir a causalidade livre. Desta forma, em sua filosofia da arte o autor considera o alvo último como tarefa infinita, pois assim não se cai no dogmatismo e se é possível considerar o sujeito-objeto como idêntico ao Absoluto sem que o mesmo se anule, isto é, perca o seu gênio criativo, sua intuição intelectual estática.

Em sua *Filosofia da arte*, Schelling analisa a figura dos deuses e seu caráter particular de formação-em-um como Ideia estética:

As mesmas formações-em-um do universal e do particular, que, consideradas em si mesmas, são Ideias, isto é, imagens do divino, são, consideradas realmente, deuses. Pois a essência, o em-si delas = Deus. São Ideias somente se são Deus em forma particular. Cada Ideia é portanto = Deus, mas um deus particular (SCHELLING, 2001, p. 53-54).

A filosofia da arte de Schelling é um complemento necessário para todo o conjunto de seu pensamento. Complementa e reafirma a Ideia de Absoluto, bem como a ideia de sujeito ativo. A arte é a ideia que reúne a idealidade e a realidade em um. Criação do particular, por meio do gênio, que traz em si a expressão do absoluto. Uma vez que o Absoluto: “[...] o Absoluto só é belo intuído na limitação, a saber, no particular” (SCHELLING, 2001, p. 61). A produção artística se dá pela fantasia, isto se fundamenta na análise das figuras mitológica dos

⁷ Em sua décima carta Schelling ilustra a livre ação do sujeito com a imagem do herói grego como forma de unidade entre necessidade e liberdade. A ação livre tem sua identificação quando o herói, por si, nega a necessidade ou a resistência: A tragédia grega honrava a liberdade humana, fazendo que seu herói *lutasse* contra a potência superior do destino: para não passar além dos limites da arte, tinha que fazê-lo *sucumbir*, mas para reparar também essa humilhação imposta pela arte à liberdade humana, tinha de fazê-lo *expiar* – mesmo pelo crime cometido pelo *destino* (SCHELLING, 1973, p. 208).

antigos gregos, os deuses, que são em si mesmos, isto é, real e ideal em si, ou seja, não são objetos do mero entendimento ou da razão, mas são apreendidos pela fantasia. Em relação à fantasia Schelling define:

Em relação à fantasia, determino a imaginação como aquilo em que as produções da arte são concebidas e desenvolvidas; a fantasia, como aquilo que intui exteriormente, as projeta, por assim dizer, para fora de si e, nessa medida, também as expõe. É a mesma relação que há entre razão e intuição intelectual. As Ideias são formadas na razão e como que da matéria da razão; a intuição intelectual é aquilo que expõe internamente. Fantasia é, portanto, a intuição intelectual na arte (SCHELLING, 2001, p. 58).

Conclusão

Quem produz imediatamente a obra de arte, isto é, o singular real, por meio do qual o Absoluto é objetivado no próprio real é o “*conceito eterno de ser humano em Deus, conceito que é um com a própria alma e vinculado com ela*” (SCHELLING, 2001, p. 118). Segundo Schelling o absoluto é segundo sua natureza um produzir eterno e tal produzir é sua própria essência que, por sua vez é um afirmar ou conhecer absoluto. Por meio do conceito eterno de ser humano o Absoluto se torna objetivo no fenômeno, pois no Absoluto forma e matéria são um, uma vez que seu produzir é um produzir a si mesmo, porém “ele não pode se *manifestar* senão quando cada uma dessas unidades, como unidade *particular*, se torna símbolo dele” (SCHELLING, 2001, p. 137).

Logo, o Absoluto se refere ao sujeito produtor mediante o conceito eterno que dele existe no próprio Absoluto. Tal conceito eterno é o em-si da alma que “se decompõe, no *fenômeno*, em poesia e arte e não as oposições restantes, ou melhor, ele é o ponto de identidade absoluto dessas oposições, que só são tais por reflexão” (SCHELLING, 2001, p. 136). Isto se dá pelo fato de a oposição, assim dita pelo autor, somente existir na formação-em-um do particular, isto é, no gênio criativo do artista e nunca na obra de arte como tal “nela somente o Absoluto deve se tornar objetivo” (SCHELLING, 2001, p. 136). Por meio do gênio a intuição absoluta se revela como um sol que ilumina as densas nuvens negras que compõem a realidade da natureza.

Desta forma a arte é a potência mais elevada da realidade na qual a forma da unidade do ideal com o real é realizada. Tal realização se dá por três potências distintas que unem o real e o ideal ou o finito ao infinito, isto é, na arte a unidade real-ideal se dá por reflexão,

subsunção (compreensão) e razão. Seguindo tais potencia a filosofia da arte é a construção do universo na forma da arte.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1983. v.9. Coleção em 14v.

ALLISON, Henry E. **El idealismo transcendental de Kant: una interpretación y defensa**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1992.

BECKENKAMP, Joãozinho. **Entre Kant e Hegel**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

COLOMER, Eusebi. **El pensamiento alemán de Kant a Heidegger: la filosofía transcendental: Kant**. Barcelona: Editorial Herder, 1986. v. 1.

_____. _____. **el idealismo: Fichte, Schelling y Hegel**. Barcelona: Editorial Herder, 1986. v. 2.

DUDLEY, Will. **Idealismo alemão**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FICHTE, J. H. **A doutrina da ciência de 1794 e outros escritos**. 3. ed. São Paulo: Nova cultural, 1988. (Os pensadores).

Fichte, Johann Gottlieb; Schelling, Friedrich von. **Escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 344 p. (Os pensadores; 26).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 6. ed. Petrópolis RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. v. 1.

_____. **La filosofía del idealismo alemán: Hegel**. Buenos Aires: Sudamericana, 1960. v.2.

HARTMANN, Nicolai. **La filosofía del idealismo alemán: Fichte, Schelling y los románticos**. Buenos Aires: Sudamericana, 1960. v.1.

HEGEL. **A fenomenologia do espírito**. 8. ed. Petrópolis Rj: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

_____. **O sistema das artes: curso de estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.

_____. **Crítica da razão prática**. Lisboa: edições 70, 1984, (textos filosóficos;1).

_____. **Crítica da faculdade do juízo.** S. I: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

PEREIRA, Caio Heleno da Costa. **A forma e o princípio da filosofia: tradução e comentário de dois escritos do jovem Schelling.** Curitiba: Versão digital, 2013.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da filosofia moderna:** da revolução científica a Hegel. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1999.

SCHELLING, F. W. **A essência da liberdade humana:** investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Obras escolhidas.** 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. 178 p. (Os pensadores).

_____. **Filosofia da arte.** São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **La relacion de las artes figurativas con la naturaleza.** Buenos Aires: Aguilar Edditor, 1963.

_____. **A essência da liberdade humana:** investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Petrópolis: Vozes, 1991. 87 p.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. **O começo de Deus:** a filosofia do devir no pensamento de F. W. J. Schelling. Petrópolis: Vozes, 1998. 285 p.